

AVALIAÇÃO E DIAGNÓSTICO DO DESCARTE DE MEDICAMENTOS PELA POPULAÇÃO IDOSA DE UMA CIDADE DO NORDESTE BRASILEIRO

Yara da Silva Soares¹; Emmily Oliveira Jorge²; Pedro Allan Justino Fernandes³; Vera Lúcia Meira de Morais Silva⁴;

(1) Graduanda em Farmácia, Universidade Estadual da Paraíba, Campus I - UEPB, Campina Grande - Paraíba, Brasil. E-mail: yara12soares@gmail.com

(2) Graduanda em Farmácia, Universidade Estadual da Paraíba, Campus I - UEPB, Campina Grande - Paraíba, Brasil. E-mail: emmily.jorge@gmail.com

(3) Graduando em Farmácia, Universidade Estadual da Paraíba, Campus I - UEPB, Campina Grande - Paraíba, Brasil. E-mail: pedroallan95@gmail.com

(4) Professora Doutora do Centro de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual da Paraíba, Campus I - UEPB, Campina Grande - Paraíba, Brasil. E-mail: meiravlms@gmail.com

INTRODUÇÃO

A busca pela manutenção da saúde é constante na sociedade contemporânea. Com o advento do avanço tecnológico e científico muitos instrumentos foram desenvolvidos e melhorados para a preservação da saúde, dentre estes, os medicamentos são considerados os principais.¹ A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) define como medicamento um produto farmacêutico, tecnicamente obtido ou elaborado, com finalidade profilática, curativa, paliativa ou para fins diagnósticos.² A utilização de medicamentos ocorre comumente por pessoas de todas as faixas etárias, no entanto, ao se tratar da população idosa, o uso tende a acentuar-se. Fatores como o aumento da expectativa de vida e morbidades típicas do avançar da idade colaboram para este aumento.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), a população idosa crescerá de tal forma, que o Brasil futuramente será o sexto no ranking mundial, tendo cerca de 15 milhões de pessoas com 60 anos ou mais no ano de 2020.³ Esta tendência ao aumento da população idosa reflete diretamente no consumo de medicamentos no Brasil, que já é, atualmente, um dos maiores

utilizadores em todo o mundo. Uma consequência direta desta crescente no consumo é o acúmulo doméstico de medicamentos. Este ajuntamento traz consigo um questionamento persistente: o que fazer com os medicamentos que não são mais úteis ou não estão mais aptos para o consumo?

O destino dos medicamentos de uso doméstico no Brasil é ainda uma questão muito pouco esclarecida. A população consumidora, geralmente, não recebe orientações de como proceder com estes resíduos, descartando-os muitas de maneira inadequada. Quando não descartados adequadamente, os medicamentos podem ocasionar diversos tipos de problemas seja para as próprias pessoas ou quando outras pessoas os recolhem e os ingerem podendo acarretar intoxicações sérias, reações adversas e em casos extremos até a morte.⁴ Sabe-se também que os componentes de alguns medicamentos, quando dispersos nos reservatórios de água e no solo, os contaminam de tal forma que nem mesmo o uso métodos de tratamento é capaz de retirá-los. Sendo por isso, contaminantes persistentes.⁶

O descarte inadequado de medicamentos no Brasil é um sério problema para a saúde pública e para o meio ambiente, deste modo os estudos que buscam orientar à população quanto ao manejo destes resíduos são de grande relevância. Neste contexto, o objetivo do presente estudo foi avaliar e diagnosticar o descarte de medicamentos de uso doméstico pela população idosa de uma cidade do nordeste brasileiro. Buscando assim a construção de um plano de educação que auxilie na orientação desta população e promova a saúde da comunidade.

METODOLOGIA

Tratou-se de um estudo observacional, descritivo, transversal e de campo, que possuiu como instrumento de coleta de dados um questionário semiestruturado com questões relacionadas ao descarte de medicamentos, aplicado à população da cidade de Campina Grande, município brasileiro do estado da Paraíba.

Foram recrutados 30 participantes do gênero masculino e do gênero feminino, no período de Junho a Agosto de 2017, destes, 24 eram idosos. Os critérios de inclusão para os participantes da pesquisa eram: residir na cidade de Campina Grande- PB e possuir medicamentos em casa.

Os dados obtidos foram armazenados em planilhas do software Microsoft Office Excel 2010. Foram realizadas análises descritivas e os resultados foram apresentados em forma de gráficos. Este estudo insere-se em uma pesquisa mais ampla da Universidade Estadual da Paraíba

(UEPB), intitulada de “Diagnóstico do Descarte de medicamentos – um panorama dos resíduos farmacêuticos de uso doméstico e seu destino final”, que ainda está em andamento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No período de Junho a Agosto de 2017, 30 pessoas participaram da pesquisa. Destes, 24 eram idosos, e representam a amostra em estudo neste trabalho. Dos idosos 58,30% eram do gênero feminino e 41,7% do gênero masculino (GRÁFICO 1). Estes indicativos corroboram com as estatísticas do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) que mostram que, na população idosa, existe a prevalência do gênero feminino.⁵ Mendonça (2016) utilizou em seu estudo acerca do descarte doméstico de medicamentos apenas participantes do gênero feminino.⁶ Bonin (2014) observou que parte significativa dos idosos que procedem incorretamente à utilização e ao descarte medicamentos são mulheres, homens sozinhos e viúvos em situação de vulnerabilidade econômica.⁷

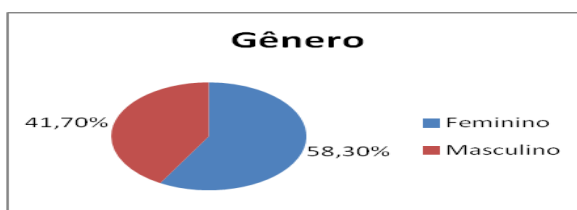


Gráfico 1: Percentual do gênero dos participantes

Em relação à escolaridade, 8,30% eram analfabetos e necessitaram de auxílio do pesquisador para responder ao questionário, 58,30% tinham cursado o ensino fundamental, 20,80% tinham cursado o ensino médio e 12,60% possuíam graduação em um curso de ensino superior (GRÁFICO 2). O analfabetismo é um agravante na lida com medicamentos, este pode levar ao uso incorreto, principalmente em idosos, visto que estes fazem uso constante de várias medicações.⁸ O grau de instrução dos participantes mostrou-se intimamente relacionada a percepção da importância do correto descarte dos medicamentos.

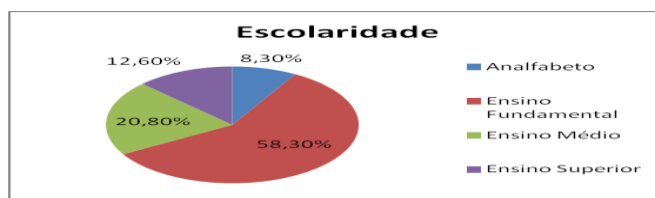


Gráfico 2: Percentual da escolaridade dos participantes

Ao serem questionados em relação aos danos ambientais relacionados ao descarte de medicamentos, 95,80% acreditam que este pode causar danos, enquanto 4,20% acreditam que este

não causa danos ao meio ambiente (GRÁFICO 3). Observando esses dados, é possível notar que grande parcela da população conhece e se importa com o impacto ambiental do descarte de medicamentos, ao contrário dos dados observados em Ueda (2009), que mostraram que 71,6% da população em estudo nunca havia se importado com o assunto do impacto ambiental do descarte de medicamentos.⁹

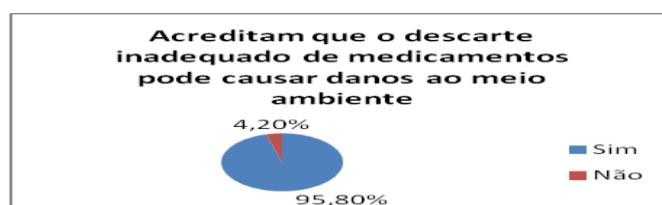


Gráfico 3: Percentual dos que acreditam que o descarte inadequado de medicamentos pode causar danos ao meio ambiente

Apenas 8,30% da população em estudo afirma já ter recebido informações quanto ao descarte de medicamentos enquanto 91,70%, a grande maioria, afirma nunca ter recebido nenhum direcionamento quanto ao descarte de medicamentos (GRÁFICO 4). Com tamanha deficiência em termos de orientação o descarte correto de medicamentos torna-se inviável.

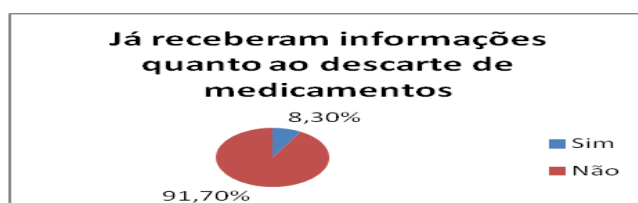


Gráfico 4: Percentual dos que já receberam informações quanto ao descarte de medicamentos

Em relação ao destino das sobras dos medicamentos que tinham em casa, 50,0% afirmou que não sobram medicamentos, 20,80% descartam no vaso sanitário, 16,60% põe no lixo, 4,20% guardam para usar outra vez, 4,20% dá aos vizinhos/amigos/parentes e 4,20% entregam em unidades coletoras (GRÁFICO 5). Parte significativa da população em estudo (50,0%) afirma que os medicamentos por eles utilizados não sobram, este fenômeno deve-se principalmente ao fato da inserção do idoso em programas de atenção à saúde e a realização do acompanhamento farmacoterapêutico destes pacientes. Mendonça (2016) observou que a maioria dos participantes de sua pesquisa, 97,0%, efetuava o descarte de medicamentos em desuso no lixo, 16% efetuava o descarte em água corrente e apenas 3% descartava os medicamentos em pontos de coleta.⁶ Ueda (2009) mostrou em seu trabalho que 86,6% da população descartava os medicamentos no lixo doméstico, 9,2% descartava no esgoto e 2,2% realizavam este descarte de outras maneiras.⁹

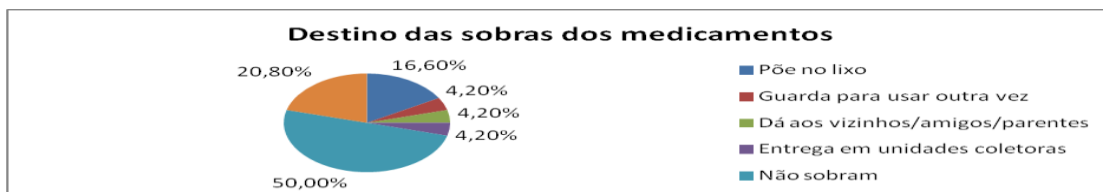


Gráfico 5: Percentagem do destino das sobras dos medicamentos

Dos entrevistados apenas 15,70% afirmaram conhecer algum ponto de coleta de medicamentos em desuso, já 83,30% afirmaram não conhecer nenhum ponto de coleta de medicamentos (GRÁFICO 6). Mendonça (2016) mostrou que apenas 3,0% da população em seu estudo conheciam e levavam seus medicamentos a pontos de coleta enquanto 97,0% afirmavam não conhecer.⁶ Sendo assim, pode-se observar que o descarte inadequado é feito pela maioria das pessoas em decorrência da falta de informação e de divulgação sobre os danos causados pelos medicamentos ao meio ambiente.

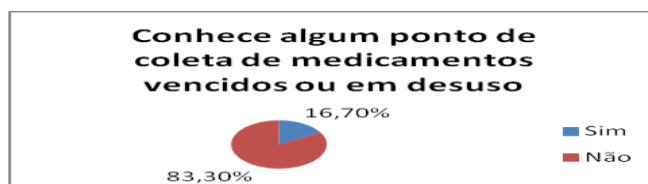


Gráfico 6: Percentagem dos que conhecem algum ponto de coleta de medicamentos vencidos ou em desuso

CONCLUSÃO

A partir dos dados analisados, observou-se que grande parcela da população idosa de Campina Grande – PB descarta os medicamentos de maneira inadequada. Sendo assim, é notável a necessidade da construção de um plano de educação em saúde que auxilie a população idosa através de palestras e informativos e que também sensibilize os gestores para a criação de políticas públicas que desenvolvam e mantenham um projeto de descarte adequado de medicamentos de uso doméstico para a busca de preservação da saúde física da população e do meio ambiente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. MIILANEZ MC, et al. Avaliação dos estoques domiciliares de medicamentos em uma cidade do Centro-Sul do Paraná. Revista de Ciências médica e Biológicas, 2013.

2. ANVISA – AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. Medicamentos. Descarte de medicamentos: Responsabilidade compartilhada. Disponível em: <<http://pisast.saude.gov.br:8080/descartemedicamentos/apresentacao-1>>; Acesso em outubro de 2016.
3. GONÇALVES KAM, Kamimura QP, da Silva JLG, da Silva MG. A população idosa no Brasil: caracterização do uso de medicamentos. Fasem Ciências, 2014.
4. PFIZER, disponível em <<http://www.pfizer.com.br/noticias/Descarte-correto-de-medicamentos-tamb%C3%A9m-salva-vidas>>, Acesso em: outubro de 2016.
5. IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e indicadores sociais. População residente por sexo e grupos de idade segundo as Grandes Regiões e unidades da Federação – 2010. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=12>, Acesso em: Agosto de 2017
6. MENDONÇA, J. M., Diagnóstico Acerca do Descarte de Medicamentos no Município de Nova Palmeira – PB, Monografia, Trabalho de conclusão de curso, Química Industrial , UEPB, Campina Grande – PB. 2016.
7. BONIN, J. E., Plano de Intervenção Sobre o Uso Inadequado de Medicamentos Pela População Idosa na Equipe I em Teixeira – MG, Especialização em Atenção Básica e Saúde da Família, Universidade Federal de Minas Gerais, Conselheiro Lafaiete – MG. 2014.
8. SILVA, L.W.S., SANTOS K.M.O. – Analfabetismo e declínio cognitivo: um impasse para o uso adequado de medicamentos em idosos no contexto familiar. Revista Kairós Gerontologia, 13 (1) São Paulo, Junho 2010: 245-57.
9. UEDA, J. et al. – Revista Ciências do Ambiente online, Julho de 2009. Universidade Estadual de Campinas, 2009. Vol. 5, nº1.